

GENTE DA TERRA

Cristovão Tezza



SUSANA KÜSTER

susana@correiolageano.com.br

Ele já ganhou duas vezes o mais famoso prêmio da literatura brasileira, o Jabuti; também conquistou os prêmios Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, e o Zaffari-Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo (RS).

O lageano Cristovão Tezza saiu da cidade com oito anos e foi morar em Curitiba, onde construiu uma carreira sólida literária, hoje conhecida em vários países. Lages tem uma rua no bairro Copacabana com o nome de seu pai, João Batista Tezza, que faleceu em um acidente de lambreta, fato que fez ele, a mãe e os irmãos se mudarem para Curitiba dois anos depois.

Tezza é doutor em literatura brasileira e professor de linguística na Universidade Federal do Paraná, e começou sua carreira de escritor aos 13 anos.

Correio Lageano: Como foi sua infância em Lages? Essas memórias o ajudam a escrever?

Cristovão Tezza: Minha infância em Lages foi tranquila, até 1959, nos meus sete anos, quando meu pai morreu de um acidente de lambreta na praça principal da cidade. Eu soltava pandorga na praça Joca Neves, jogava pião (...). Dizem que todo escritor escreve para recuperar a infância perdida. Minhas memórias da cidade são felizes, bastante intensas. De certa forma, escrevemos uma cidade imaginária na memória, que permanece a mesma enquanto o mundo inteiro vai mudando.

Sua relação com o filho foi inspiração para um livro? Por quê?

Em 1980 nasceu meu primeiro filho, Felipe, com síndrome de Down, o que foi naturalmente um choque para mim. Passei anos sem escrever sobre este tema, que é muito pessoal. E, literariamente, muito difícil. Apenas em 2004 comecei a pensar em escrever um livro sobre este fato da minha vida. Primeiro, porque ele já não é mais nenhum problema; eu fui transformado pela formação do meu filho, assim como ele se transformou, o que acontece, afinal, com todas as pessoas. E pensei que seria uma covardia eu jamais enfrentar este assunto. Assim nasceu "O Filho eterno", que por acaso foi o meu maior sucesso. Neste exato momento, por exemplo, estou escrevendo da China, onde acaba de sair a tradução em mandarim do

meu romance.

Em março, o senhor será homenageado no Salão do Livro em Lages, como o senhor se sente em relação a isso?

Fiquei muito feliz com o convite para participar do Salão do Livro de Lages como escritor homenageado. É um honra. E é sempre bom voltar às origens, embora eu saiba que a cidade da minha infância, hoje, é uma cidade puramente da memória, uma cidade mental.

O senhor é casado? Tem filhos?

Sou casado com a Beth há exatos 37 anos, e tenho dois filhos: Felipe e Ana. E acabo de me tornar avô: nasceu o Antônio, filho da Ana, que é professora e estuda Letras. Estou achando muito legal ser avô. É só festa, sem a responsabilidade dos pais...

O senhor está escrevendo algum livro atualmente? Sobre qual tema?

Estou lançando pela editora Record "O professor", meu último romance. Na verdade, o lançamento nacional deste livro, se tudo der certo, será em Lages, no Salão do Livro.

O senhor já recebeu vários prêmios. Considera o Jabuti o mais importante?

Os prêmios são importantes, porque chamam a atenção para os nossos livros. Sim, o Jabuti é o mais famoso prêmio brasileiro – já ganhei dois, com "O fotógrafo" e "O Filho eterno". Mas não é o de maior valor. Os maiores são o Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, e o Zaffari-Bourbon, da Jornada Literária de Passo Fundo. "O Filho eterno", ganhou estes dois prêmios também.

“Estou lançando pela editora Record “O professor”, meu último romance. O lançamento nacional desse livro, se tudo der certo, será em Lages, no Salão do Livro”.

“Em 1980, nasceu meu primeiro filho com síndrome de Down. Passei anos sem escrever sobre este tema. E o livro “O filho eterno”, que fala sobre isso, é meu maior sucesso”.



Cristovão Tezza é lageano e escreveu livros premiados nacionalmente e no exterior

PRÓXIMA SEGUNDA

Carlos Canani

Professor de língua portuguesa e inglesa, já conquistou prêmios nacionais, em quatro anos de carreira.

